

Carlos Joseph Ramos Rafael

7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

Grupo de Trabalho

[Livros didáticos de sociologia]

“O Experimento do Paraíba Educa”: plataforma de ensino e aprendizagem da rede
estadual de ensino como suporte educacional remoto durante a Covid-19

Belém, Pará

2021

INTRODUÇÃO

Este trabalho contribui a partir do desenvolvimento de apostila online de sociologia fomentada pela SEDUC-PB/ Paraíba Educa¹. A produção versa sobre o desenvolvimento de material didático orientado para estudantes de nível médio de escolas públicas da PB. A iniciativa surge com as adversidades da pandemia da Covid-19 (ano 2020) e o desejo de manter-se ativa as atividades educacionais do Estado. Para tanto foram executados aulas semanais para as três séries do ensino médio mais uma específica para o Enem. A composição da apostila eletrônica é uma das partes do desenvolvimento de videoaulas produzidas pelos mesmos professores produtores do material audiovisual. Considerando as potencialidades educacionais a partir de programas televisivos, mas sabendo do uso da internet para fins didático-pedagógicos, a educação durante a pandemia (Covid-19) desenvolveu essas duas medidas para o seu desenvolvimento.

Este artigo analisa a primeira delas, a transmissão de aulas assíncronas por meio de canais de TV aberta. Foram alcançadas 147 cidades com as videoaulas distribuídas em um canal alternativo disponibilizado pela TV local, além da criação de um aplicativo chamado Paraíba Educa e sua extensão que é a plataforma online de acesso. Este projeto resultou em destaque nacional em pesquisa feita pela Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV/EESP). De acordo com o estudo, durante a pandemia da Covid-19 (ano 2020), a Paraíba é o Estado mais bem avaliado dos programas de educação pública EAD dos Estados brasileiros. Muito embora eu chame essas aulas de aulas remotas assíncronas.

Como metodologia, este artigo adota uma investigação científica de caráter exploratória. Em geral, esse tipo de investigação possui três finalidades, desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos. Outra característica dessa pesquisa é seu caráter descritivo. A proposta seria lançar debates e correlações fundamentais a respeito da educação em um cenário de pandemia.

Tentarei antes de expor o desenvolvimento das aulas, e seu efetivo modelo, como aporte irei falar anteriormente das múltiplas formas e usos com da TV.

¹ Secretaria de Educação do Estado da Paraíba (SEDUC-PB) / Paraíba Educa.

UM POUCO DE HISTÓRIA DA TV

A televisão já pode decretar sua morte ou o ensino remoto não é só internet? O que sabemos é que a TV é o meio de distribuição de conteúdo mais acessível no Brasil. Seria a televisão uma janela mágica? Uma fábrica de ilusão? Ou ainda uma arma ideológica e instrumento de alienação? Como podemos classificar a televisão?

Segundo a origem da palavra, do grego, *tele* significa longe, distante e do latim *visio* é visão. A televisão é um complexo sistema eletrônico de recepção de imagens e sons de forma imediata. Para Machado (2000) “a televisão é e será aquilo que nós fizemos dela”. No início do século XIX já havia uma preocupação científica em tentar construir algo que transmitisse imagens a lugares distantes. Uma imagem impressa via telégrafo, a descoberta do selênio, o uso da eletricidade para transmissão de imagens, a célula fotoelétrica, um sistema de raios catódicos, foram contribuições que permitiram que em 1920 o escocês *John Logie Baird* — considerado o pai da televisão — realizasse as primeiras transmissões experimentais de imagens e sons e, em 1926, fizesse demonstrações no *Royal Institute*, em Londres, assinando contrato com a BBC para experimentação em 30 linhas.

A primeira televisão da história surgiu em janeiro de 1928, em Nova York, pelo sueco *Ernst F. W. Alexanderson*, engenheiro da *General Electric*. No início poucas pessoas tinham acesso aos aparelhos de TV. O rádio ainda era o meio de comunicação predominante e os preços das televisões eram exorbitantes. Nos anos 1930, as telas do televisor dificilmente ultrapassavam as cinco polegadas, sendo difícil assistir a alguma coisa, mas a partir desta década a resolução das imagens melhorou consideravelmente. Em 1940, foi realizada a primeira transmissão em cores e as transmissões esportivas e os primeiros telejornais começaram a ganhar destaque.



TVs anos 30



A tela aumenta



Faz parte da casa

Fonte: <http://www.tecmundo.com.br/2397-historia-da-televisao.htm>

No Brasil, a primeira transmissão registrada ocorreu em 1939, na Feira Internacional de Amostras no Rio de Janeiro. Em 1950, foi fundada pelo jornalista Assis Chateaubriand, a primeira emissora de televisão do Brasil, a TV Tupi de São Paulo, que reinou absoluta ao longo de muitos anos. Embora no Brasil as transmissões ao vivo já eram comuns, somente em 1972 as emissões coloridas chegaram oficialmente às casas de alguns brasileiros.

Do preto e branco ao *Full HD*. Após fazermos esse passeio pela história da TV precisamos entender que ela possui uma multiplicidade, pois se aplica a uma imensa gama de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens Machado (2000, p. 12). Ainda sobre este autor, Machado, ele nos comunica em *A televisão levada a sério* (2000), a importância de abordar a televisão como um acervo de trabalhos audiovisuais, não homogêneo, e sobre uma perspectiva valorativa. Julgar a qualidade dos trabalhos implica critérios de valoração e para perceber valores é preciso ir ao encontro dos programas e examiná-los; não existe outro caminho. E essa foi minha opção neste trabalho.

TV E EDUCAÇÃO

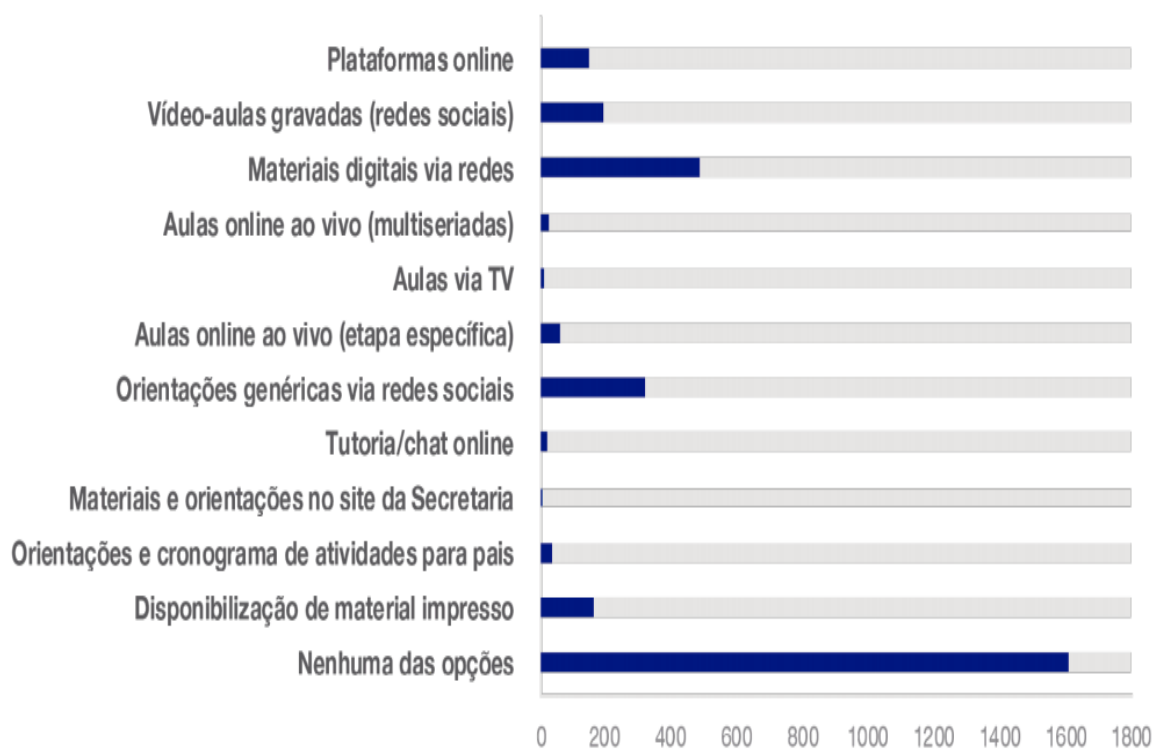
No tocante a televisão e a educação, percebe-se que antes é preciso observar que mesmo com o crescente uso do computador pessoal (PC), associado à incrível lógica da convergência das mídias, a TV continua sendo o meio mais assistido pelos jovens no espaço doméstico, pois aquele ainda é um bem de consumo caro e, portanto, excludente (Orofino, 2005, p. 43). Muitas pesquisas mostram, como observa Analice Dutra Pillar (2005, p. 129), que as crianças e adolescentes brasileiros são os que mais assistem à televisão em todo o mundo. Belloni (apud. Orofino, 2005, p. 54) coloca a TV como uma espécie de “escola paralela”, já que parte da população infanto-juvenil sequer tem acesso à instituição escolar; muitas vezes é a TV que se oferece como a “única escola para aqueles milhões de jovens não-escolarizados”.

Por essas e outras acima não deveríamos, portanto, falar da relação com a TV, mas das múltiplas relações com a TV. Outro fator importante de se mencionar é que a escola não é o único lugar que se aprende, existe uma escola invisível, uma escola de corresponsabilidade que reitera a condição da família. Uma escola que promova nesse processo pandêmico de uma autonomia do sujeito, e uma possibilidade de mais engajamentos das famílias. Pois, os pais nesse novo modelo são colaboradores afetivos nesse processo que permanecer em casa tem sido a tônica do processo, e a televisão viria para reforçar de forma potente e segura essas possibilidades. É fundamental diversificar as experiências de aprendizagem, que podem, inclusive, apoiar na criação de uma rotina positiva que oferece a crianças e jovens alguma estabilidade frente ao cenário de muitas mudanças. Envolvimento das famílias também é chave, já que poderão ser importantes aliados agora e no pós - crise. Há diversas abordagens para o ensino a distância, e que nem todas são igualmente efetivas.

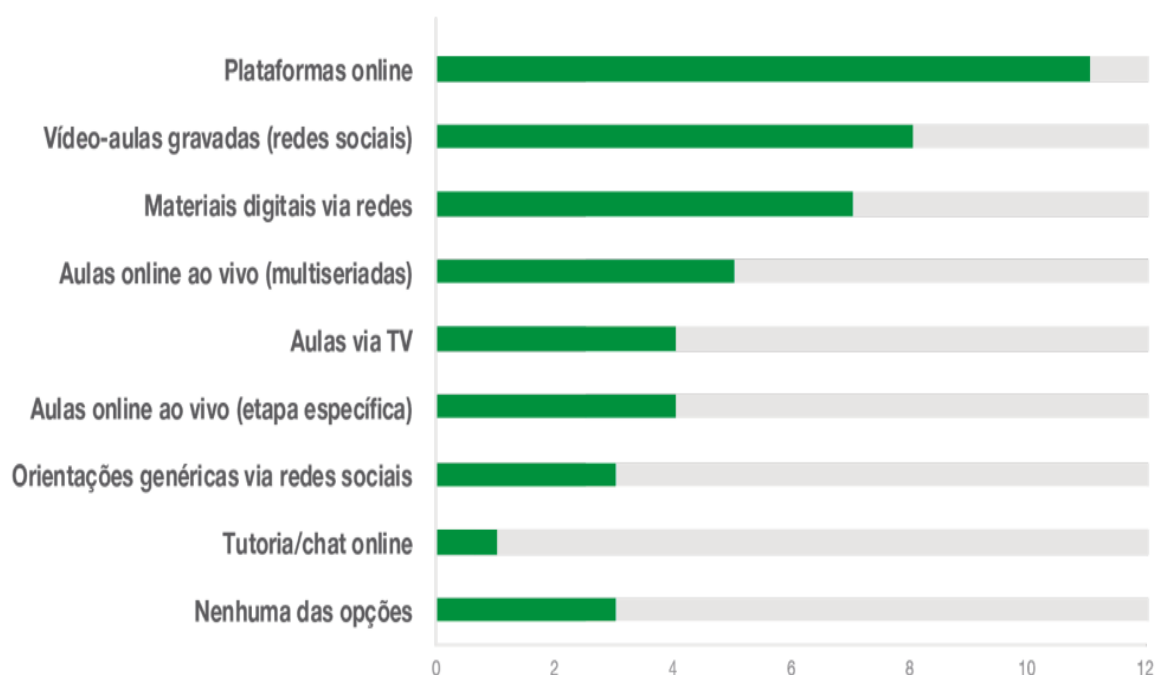
No que concerne o Estado observa-se que é imperativo evitar, por exemplo, uma leitura “fria” das pesquisas sobre ensino a distância, que, em geral, se concentram em comparar “aulas a distância” com “aulas presenciais” (enquanto, no cenário atual, a questão é, fundamentalmente, uma discussão entre “aulas a distância” e “não realização de aulas”). Em sentido similar, as experiências de países que interromperam o funcionamento de escolas por longos períodos devido a situações de guerra, crises de refugiados, desastres naturais e epidemias mostram que a escolha do poder público em nada fazer, sob o argumento de que não é possível chegar em todos, tende a exacerbar as desigualdades resultantes da situação de emergência. Aqui temos mais uma vez o problema de equidade, e sua saída pelas políticas públicas, ou pelo uso adequado da TV na educação.

Ao lançar mão de estratégias de ensino a distância, é preciso entender que a disposição de recursos tecnológicos é heterogênea entre os alunos e que aqueles que já têm desempenho acadêmico melhor tendem a se beneficiar mais das soluções tecnológicas. Ensino remoto não é sinônimo de aula online. Há diferentes maneiras de estimular a aprendizagem à distância e, se bem estruturadas, atividades educacionais podem cumprir mais do que uma função puramente acadêmica. O ensino remoto não deve se resumir a plataformas de aulas online, apenas com vídeos, apresentações e materiais de leitura. Vejamos alguns dados:

1.2 ESTRATÉGIAS DAS REDES MUNICIPAIS ATÉ O MOMENTO



1.1 ESTRATÉGIAS DAS REDES ESTADUAIS ATÉ O MOMENTO



Fonte: Cieb (2020). Elaboração: Todos Pela Educação.

Sabemos que dificuldades de adaptação ao modelo de ensino remoto são naturais e deverão ocorrer de forma ainda mais acentuada no Brasil, uma vez que o uso consistente de tecnologias ainda tem presença muito tímida nas redes de ensino. Exemplos de obstáculos existentes são o desconhecimento sobre a qualidade da maior parte das soluções disponíveis, a pouca familiaridade dos alunos e profissionais com as ferramentas de ensino a distância e a falta de um ambiente familiar que apoie e promova o aprendizado online.



Fonte: Cetic (2019a). Elaboração: Todos Pela Educação.

Em âmbito nacional e/ou regional, dois importantes veículos que devem ser considerados para assegurar amplo alcance durante o período pandêmico foi a televisão. Pesquisas mais recentes indicam que, nos mais de 70 milhões de domicílios no Brasil, sua penetração é de, aproximadamente, 96%. Com efeito, tais estratégias têm capacidade restrita de customização do conteúdo, mas seu alcance quase universal não pode ser menosprezado pelas autoridades que podem aportar soluções em nível nacional ou em escala estadual.

No desenvolvimento do ensino conectado e online foi a grande constante em 2020. Apostilas e guias de aprendizagem foram criados em vários contextos e necessidades para dar continuidade ao ensino remoto após a disseminação da pandemia em todo o mundo. Mas é importante lembrar que o ensino remoto não é só a internet, a era da televisão não acabou e cumpre um papel significativo no desenvolvimento e promoção deste ensino. A proposta lançada neste trabalho visa demonstrar um desses guias de aprendizagem, ou roteiro como assim foi denominado pela organização do projeto.

A JORNADA DO PB EDUCA

Chamarei de jornada porque, particularmente, vivenciei vários períodos no desenvolvimento dessas videoaulas. O início se deu após as aulas presenciais terem sido paralisadas e uma equipe de profissionais da Secretaria do Estado da Paraíba se mobilizou para selecionar e regimentar alguns professores das escolas estaduais para iniciar um plano de atividades remotas compostas por videoaulas e roteiros eletrônicos de direcionamentos e suporte de aprendizagem para os alunos. As aulas começaram a ser gravadas e os materiais de apoio produzidos já em fins de maio de 2020. Fui um dos professores escolhidos e a experiência que partilho aqui é da produção de conteúdo por trinta e sete semanas – de maio de 2020 a março de 2021 – (de três a quatro aulas por semana a depender da divisão realizada pela coordenação da equipe de humanas).

As fases iniciais foram de constante aprendizado e dedicação à construção do material. Mas confesso que por diversas vezes a vontade de desistir surgiu. Uma vez o modelo começava a ser produzido percebeu-se a necessidade de mais informativos e direcionamentos do material proposto, a exemplo do desenvolvimento de questões para compor o desenvolvimento do texto trabalhado. Mas antes de tudo foi produzido uma sequência didática

de quatro aulas para cada série do ensino médio, mais uma focada na avaliação externa do Enem, cada aula se conectava com temas diversos, e sempre no aporte das competências e habilidades da BNCC. O roteiro produzido necessitava especificar o tema, o título da aula, o objeto do conhecimento e o objeto da aprendizagem. Essa produção gerou uma grande mobilização coletiva, haja vista, que às próprias videoaulas já deveriam estar com uma grade de horários e datas limites a serem previamente planejadas e veiculadas.

O material digital eletrônico passou a ser disponibilizado em concomitância com o material audiovisual das videoaulas, seja de forma online no site da SEDUC – PB, disponível em: < <https://www.pbeduca.see.pb.gov.br> >, acesso em 20/04/2021 ou por meio do aplicativo para android/celular da mesma organização (SEDUC – PB). App Paraíba Educa, acesso em 20/04/2021. Importante mencionar que o roteiro produzido do conteúdo digital não representa um apêndice do material audiovisual, mas uma apostila de consulta de conteúdo independente, utilizado inclusive pelos alunos que se localizavam em regiões em que o sinal da TV ainda não havia sido contemplado.

Para a construção do material me propus a consultar a bibliografia de diversos livros didáticos das mais diferentes editoras: Tempos Modernos, tempo de sociologia: ensino médio: volume único/3. Ed. – São Paulo: Editora do Brasil, 2016, de BOMENY, Helena; Sociologia: introdução à ciência da sociedade – 3 ed. Ver e ampl – São Paulo: Moderna, 2005, de COSTA, Maria Cristina Castilho; O livro da sociologia. 1ed. São Paulo: Globo Livros, 2015, de GRAHAM, James; Sociologia Hoje: o ensino médio, volume único, de MACHADO, Igor José de Renó. Bem como, também, de outras disciplinas (filosofia e história), mas que traziam interdisciplinaridades pertinentes aos temas de caráter sociológico. Além da consulta de dicionários de sociologia, digitais e físicos, que continham as contribuições específicas a cada conceito trabalhado. Para alcançar maior praticidade no desenvolvimento utilizei ferramentas disponíveis em site gratuitos de bancos imagens, edição de imagens e vetores (*freepik, download free images unsplash, device shot, adobe color, remove.bg*) são alguns exemplos para construir o material proposto.

Ao desenvolver os objetivos de aprendizagem escrevi o material sempre buscando uma maior aproximação aos alunos das mais diversas microrregiões do estado da Paraíba, para tanto, decidi utilizar um modelo didático – pedagógico de sempre iniciar o texto dos roteiros com “perguntas-chave” ou com temas que interceptam várias áreas do conhecimento: identidade, política, democracia, saúde, natureza e ecossistema, violência, são alguns exemplos.

Outro objetivo que tínhamos, enquanto equipe, era desenvolver um material volumoso e original aos alunos, se utilizando de uma realidade regional e territorial para demarcar nossa produção e melhor relacionar o conteúdo especificado.

Quando comecei com as gravações me coloca sem conhecimento algum de iluminação ou enquadramento de câmera, afinal, nunca tinha desenvolvido nenhum trabalho semelhante. O PC que dispunha era bem pequeno e frágil para o que o projeto de propunha, e havia bastante demora em desenvolver as aulas, seja por falta de perícia, seja por não dominar a linguagem do audiovisual. Mas a vontade de insistir e aprender eram bem maiores que as dificuldades. No começo as gravações ocorriam em pequeno escritório que possuo em casa sempre posicionado ao lado da TV (formato professor + TV), após entender e dominar algumas plataformas de gravação de vídeo comecei a alterar formas mais didáticas e comunicativas e, apenas na 80ª gravação venci as várias nuances com o audiovisual e efetivamente passei a gostar dos meus vídeos e acreditar na viabilidade daquele formato de aprendizagem.



Arquivo pessoal/ Carlos Joseph/ Início das gravações

Tribos urbanas e o mundo contemporâneo



Arquivo pessoal/Carlos Joseph/ 8 meses de PB Educa

Além das imagens, construí e compilei no banco de questões do Enem, e também em outras instituições uma maior captação e aprendizado da aula. O feedback do trabalho surgiu prontamente pela audiência significativa do programa, assim como depoimentos de alunos que confiaram no trabalho desenvolvido pelos roteiros. Este projeto resultou em destaque nacional em pesquisa feita pela Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV/EESP).

Com nosso trabalho a Paraíba foi classificada como o estado mais bem avaliado dos programas de educação pública EAD dos Estados brasileiros. Terminamos o primeiro ciclo do projeto em março de 2021, como anunciei acima, mas com uma grande perspectiva de retomar outro ciclo de desenvolvimento dessas produções de conteúdo independente das aulas voltarem presencialmente ou não. A grande dúvida que surge é que tipos de desdobramentos esse material produzido pode provocar às realidades de cada escola, de cada professor, bem como as aulas presenciais futuras como um todo.

O fato é que vislumbro bons horizontes para a comunidade professoral, e anseio pelo desejo da SEDUC - PB em subsidiar a composição de um livro – apostila também físico dos materiais produzidos, como foi anunciado informalmente a nós, e desta vez com edição reorganizada do conteúdo sem configurar na educação como um “plano B” aos entraves e infortúnios que a pandemia (Covid – 19 de 2020) causou, mas sim como uma boa reação a

uma alternativa que talvez seja um novo paradigma de ensino do século XXI no mundo digital/informacional que vivemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O melhor uso do ensino a distância é aquele que se orienta por uma estratégia que reconheça os riscos existentes, tenha olhar atento à equidade e que, fundamentalmente, apoie os professores para seguirem à frente do processo de ensino-aprendizagem. Em alguns lugares do país, assim como na Paraíba, e semelhante ao largamente conhecido Telecurso 2000 o aluno passou a aprender pela TV. Entretanto, para alguns esse ensino apresentado é dado como falho, pois o aluno não conseguiria tirar duas dúvidas, entretanto, o aspecto positivo com certeza é a presença massiva das TVs nos lares brasileiros fazendo com que a difusão ocorra de forma mais próxima do cidadão.

Quanto ao uso da internet para as aulas remotas observa-se que segundo o IBGE (2019a, p. 36), houve um avanço significativo, entretanto ressalta-se que não há paridade de acesso entre as zonas urbana e rural. Embora os últimos anos, como foi dito, tem se acelerado a inserção digital das zonas mais distantes e não urbanizadas do País – de 41,0%, em 2017, passou para 49,2% em 2018, enquanto a zona urbana 83,8% dos domicílios tem acesso a internet, apenas 49,2% dos domicílios das zonas rurais do País utilizam a internet.

Segundo Valadares (2019), cabe portanto o docente combinar a sua prática pedagógica (teoria e prática) com um equipamento tecnológico que apresente a possibilidade de seus alunos compreendam diferentes semioses e ampliem suas habilidades de ler e escrever.

Contudo, percebo que não podemos dizer que o acesso à internet é para todos, e menos ainda, que as camadas sociais hipossuficientes economicamente usufruam desse serviço.

O Brasil precisa de um plano estratégico, suprapartidário, de curto, médio e longo prazo, implementado por quadros competentes e constantes, que não estejam à mercê dos prazos e das circunstâncias da política. Não tem sido assim. Sob os três governos do Partido dos Trabalhadores tivemos 8 ministros: Cristovão Buarque, Tarso Genro, Fernando Haddad (que ficou mais longamente quase 7 anos). Depois da saída de Haddad foram 5 ministros em 4 anos e meio: Aloizio Mercadante, Henrique Paim, Cid Gomes, Renato Janine Ribeiro e Aloizio Mercadante de novo. Sob o governo do presidente Temer, foram dois os ministros: Mendonça Filho e Rossieli Soares da Silva. Sob a presidência de Jair Bolsonaro, até meados de 2019, dois ministros já haviam passado pela pasta: Ricardo Vélez e Abraham Weintraub. Não há política que resista a esse tipo de descontinuidade. Dar verdadeira prioridade à educação há de ser o grande projeto nacional, porque educação de qualidade é a

premissa para o desenvolvimento econômico, o aumento da produtividade, o aprimoramento democrático, a formação de cidadãos melhores e de pessoas mais realizadas, assim como para a paz social e a elevação da ética do país (BARROSO, 2019, p. 119)

De fato não se pode educar, excluindo. E nem excluir para educar. O que é prioritário nesse desenvolvimento da pandemia é “levar a informação a todas as camadas sociais pelo país, objetivando o ensino de qualidade”. O que percebe-se e não pode deixar de ser dito é que o ensino remoto e o híbrido exigirão e exigem novas formas de atuação dos professores e dos estudantes mesmo sabendo que não se consegue construir um modelo que atenda, repetidamente, um modelo educacional em todos os lugares e a qualquer momento, isso seria relamente uma falsa ilusão de que está se ensinando remotamente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sílvia Maria de. **Sociologia**: volume único: ensino médio. 2 e. d. São Paulo: Scipione, 2016.

BARROSO, Luís Roberto. A educação básica no Brasil: do atraso prolongado à conquista do futuro. *Direitos Fundamentais & Justiça*, Belo Horizonte, ano 13, n. 41, p. 117-155, jul./dez. 2019.

BOMENY, Helena. **Tempos Modernos, tempo de sociologia**: ensino médio: volume único/3. Ed. – São Paulo: Editora do Brasil, 2016. BRASIL.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. *Diário Oficial [da] União*, ed. 114, seção 1, p. 62, Brasília, DF, 17 de jun. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. *Diário Oficial da União*, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020. BRYM, Robert. *Sociologia: sua bússola para um novo mundo*. 1e. d. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia**: introdução à ciência da sociedade/ Cristina Costa – 3 ed. Ver e ampl – São Paulo: Moderna, 2005.

FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GRAHAM, James. **O livro da sociologia**. 1ed. São Paulo: Globo Livros, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE Coordenação de População e Indicadores Sociais. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal PNAD contínua 2018: análise dos resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2019a. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=downloads>. Acesso em: 06 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Apresentação dos resultados do PNAD Contínua 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2019b. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/10d5c0576ff8d726467f1d4571dd8e62.pdf. Acesso em: 06 jun. 2021.

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia geral**/ Eva Maria Lakatos, Marina de Andrade Marconi – 7. ed. Ver. e ampl. – 12. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2013.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000. 5ed.

MACHADO, Igor José de Renó. **Sociologia Hoje**: o ensino médio, volume único/ Igor José de Renó Machado, Henrique Amorim, Celso Rocha de Barros. 2 ed. São Paulo: Ática, 2016.

MEC (2020a). **O que é educação a distância?**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestoresda-educacao-basica/355-perguntas-frequentes-911936531/educacao-a-distancia-1651636927/12823-o-que-e-educacao-a-distancia>. Acesso em: 23/05/2021

MEC (2020b). **Conselho Nacional de Educação esclarece principais dúvidas sobre o ensino no País durante pandemia do coronavírus**. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2020/04/conselho-nacionalde-educacao-esclarece-principais-duvidas-sobre-o-ensino-no-pais>. Acesso em: 03/06/21

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de , 1968. 4 e. d. **Sociologia para jovens do século XXI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar**: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

PILLAR, Analine Dutra. **Sincretismo em desenhos animados da TV**: O Laboratório de Dexter. Educação & Realidade. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 30, n. 2, jul/dez. 2005, p. 123–142

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica**: Marx, Durkheim e Weber/ Carlos Eduardo Sell. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção Sociologia)

TENFEN, Danielle Nicolodelli. Editorial: **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 1-2, abr. 2016. ISSN 2175-7941. Disponível em: . Acesso em: 04 jun. 2021.

VALADARES, Nice Vânia Machado Rodrigues. **Leitura e produção de histórias em quadrinhos digitais: uma proposta de uso do smartphone**. 2019, 82 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2019.